

Em Natal, o primeiro e único governo comunista

Murilo Melo Filho

As visões seguintes, na retina da infância, foram as da revolução comunista em Natal, que estourou a 23 de novembro de 1935, chegando a instalar ali, durante quatro dias, o primeiro comunista em toda a América Latina, até hoje.

No final da tarde daquele sábado, o então governador Rafael Fernandes estava no Teatro Carlos Gomes, hoje Alberto Maranhão, presidindo a festa da diplomação de uma turma de Contabilidade do Colégio Marista, quando sargentos, apoiados em cabos e soldados do 21º Batalhão de Caçadores, sublevaram-se e ocuparam vários pontos estratégicos em Natal.

O governador e o secretário-geral do Estado, Aldo Fernandes, abrigaram-se, primeiro, na residência de Xavier Miranda, perto do teatro, e logo depois passaram para o consulado da Itália, ficando sob a proteção diplomática do Cônsul Guilherme Lettieri.

O major Luís Júlio, que era o comandante da Polícia Militar, e o tenente José Bezerra, ajudante-de-ordens do governador, foram bater em nossa casa, distante 400 metros do teatro. Meu pai os escondeu numa casa desocupada, próxima, no mesmo quarteirão da então Rua das Virgens.

E eu, durante os quatro dias de domínio da revolução comunista na cidade, exerci uma função que depois se chamou popularmente de contra-revolucionária: era o encarregado de levar-lhes a comida, numa marmita.

Como castigo e represália por esse asilo, um vizinho da frente, ligado aos comunistas, denunciou-nos ao comando da revolução. No dia seguinte, o carro do meu pai, um Ford-28, de bigode, era levado pelos revolucionários e só reapareceria quatro dias depois na cidade da Penha, hoje Canguaretama, todo arrebatado, quando a revolução já terminara. A mesma sorte teve um reluzente e moderno Pontiac, pertencente a João Galvão Filho, que era de longe o mais belo e invejado carro da época.

A resistência foi imediatamente organizada pela PM e pelo coronel Pinto Soares, do 21º BC, que enfrentaram durante 10 horas, sob cerrado tiroteio, tropas numericamente superiores e só se renderam quando acabou a munição.

Logo depois, eram cortadas as comunicações telegráficas, à exceção da estação de telégrafo de Macaíba, através da qual os legalistas conseguiram transmitir dramáticos apelos de socorro ao Rio de Janeiro.

Aos meus olhos de menino, e até de adultos, algumas cenas pareciam saídas do fundo da terra, como eu assistiria depois na dramaturgia de Bertolt Brecht, com sua Selva das Cidades. A população natalense, apanhada inteiramente de surpresa, estava aterrorizada com o espocar de tantos tiros, que se cruzavam em todas as direções. Muitos habitantes da cidade atravessaram as águas do rio Potengi, em toscos barcos, refugiando-se na praia da Redinha.

Havia uma total desinformação sobre o que estava acontecendo. Boatos

terroristas tinham livre curso. Pairava sobre todos a ameaça de um colapso no abastecimento de gêneros. Os barris de gasolina eram sumariamente confiscados pelos insurretos. Os cofres dos bancos e das casas bancárias foram arrombados e pilhados, sendo o dos Correios a maçarico.

Enquanto dominaram Natal, os rebeldes organizaram um Comitê Popular Revolucionário, que durou 80 horas. Instalaram-se na Vila Cincinato, residência oficial do governador, e emitiram um único decreto, que cassava o mandato de Rafael Fernandes e dissolvia a Assembléia Estadual Constituinte.

Esse Comitê era constituído por homens despreparados, cuja tarefa mais urgente e importante foi a de explicar aos próprios soldados e cabos sublevados os motivos e objetivos do inesperado movimento.



www.dhnet.org.br